

Anna Freud revisitada por Elisabeth Danto

clínica psicanalítica social e pedagogia psicanalítica comunitária

Mônica Guimarães Teixeira
do Amaral

Resenha de Elisabeth Ann Danto, *Anna Freud, a teoria tem seus prazeres*, São Paulo, Perspectiva, 2025, 435 p.

Em seu primeiro livro lançado no Brasil, em 2019, *As clínicas públicas de Freud – psicanálise e justiça social (1918-1938)*, a historiadora Elisabeth Danto¹ permitiu-nos conhecer o posicionamento firme de Freud², no período entreguerras, em defesa de uma psicanálise acessível a todos os cidadãos, independentemente de sua condição social. É nesse

contexto – da Viena Vermelha³ à República de Weimar⁴ – que proliferam, na Europa Central, clínicas públicas vinculadas aos Institutos de Psicanálise, impulsionadas pelo próprio pai da psicanálise. Observa-se, assim, um deslocamento em relação à ênfase inicial na “clínica privada solitária”, em favor de uma prática e de uma ideologia comprometidas com o bem-estar social e com as transformações exigidas pela sociedade no pós-guerra. Defendia-se, nesse horizonte, o papel do Estado não apenas no enfrentamento das desigualdades sociais, mas também na oferta de assistência pública em saúde – incluindo a saúde mental –, campo no qual a psicanálise passaria a exercer um papel fundamental.

A autora ressalta igualmente o papel de Anna Freud nesse processo, entusiasta dos novos rumos assumidos pela psicanálise, que acompanhava o “espírito de mudança” daquele período, ao adotar novas formas de pensar a sexualidade e ao defender a dimensão social da formação e da prática analíticas. Se de início dedicara-se ao trabalho em escolas experimentais com novas metodologias para a primeira infância, em seguida, engajou-se nas clínicas gratuitas, onde desenvolveu o trabalho analítico de crianças⁵.

Em seu novo livro, *Anna Freud, a teoria tem seus prazeres* (2025), E. Danto, igualmente entusiasta da inserção da psicanálise na saúde pública, acompanhará mais de perto a trajetória de A. Freud desde seus anos de formação como pedagoga, sua entrada na Sociedade de Psicanálise de Viena, na qual se tornou diretora do Instituto de Treinamento, em 1935, até seu ingresso no corpo docente em Yale Law School (EUA), onde expandiu suas ideias sobre psicanálise de crianças e adolescentes para o campo jurídico.

Nesta obra, E. Danto retira A. Freud da sombra do pai, como bem observa Marise Bastos no prefácio, ao evidenciar seu protagonismo em ações que podem ser consideradas até mesmo revolucionárias no campo da psicanálise. Tal protagonismo decorre de seu engajamento não apenas como pedagoga – papel pelo qual é mais frequentemente lembrada –, mas sobretudo como

1 Elisabeth Ann Danto é professora emérita do Hunter College, de Nova York, e especialista em História da Psicanálise e Justiça Social. Recebeu o prêmio Gradiva e Goethe pelo livro: E.A. Danto, *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*, São Paulo, Perspectiva, 2019.

2 Ressalta particularmente o discurso de Freud, em setembro de 1918, no V Congresso Psicanalítico Internacional, em que defendeu uma psicanálise atenta ao papel do Estado para o estabelecimento de políticas públicas voltadas para a redução da desigualdade social.

3 Viena ficou assim conhecida devido à política progressista vigente entre 1919 e 1934.

4 A República de Weimar, regime democrático instaurado pela social-democracia na Alemanha entre 1918 e 1933, caracterizou-se por uma Constituição avançada, amplas liberdades civis e o sufrágio universal, sendo interrompida com a ascensão de Hitler ao poder.

5 Situação que se modificou completamente com a ascensão do fascismo, quando passaram a predominar as perseguições e fugas da maioria dos analistas da Europa Central, ocasionando o fechamento dos ambulatórios e clínicas gratuitas ligadas às Sociedades Psicanalíticas.

Mônica Guimarães Teixeira do Amaral é psicanalista, membro efetivo da SBPSP, docente do Instituto Durval Marcondes e pesquisadora sênior da FEUSP.

analista das “populações marginalizadas e oprimidas”, cuja experiência clínica viria a inspirar, inclusive, pensadores como Frantz Fanon. A escuta dedicada de Anna Freud a refugiados, famílias em situação de vulnerabilidade, crianças separadas de seus pais e traumatizadas pela guerra, assim como seu trabalho institucional junto às sociedades psicanalíticas voltadas à promoção da saúde mental de populações excluídas do acesso aos serviços públicos, revelam uma dimensão de sua atuação ainda pouco conhecida e insuficientemente valorizada.

A autora considera que o advento da análise infantil, da educação progressista e da psicanálise comunitária que entraram em cena na década de 1920 formou os três pilares da carreira de A. Freud. Ressalta a importância dada por ela à intersecção entre psicanálise e educação, tendo se dedicado à formação de professores e pais, proferindo palestras e escrevendo artigos.

Durante a Viena Vermelha, Anna Freud e seus colegas promoveram um verdadeiro deslocamento do consultório particular para a escola pública, clínicas e centros de aconselhamento comunitários. Um trabalho importante no campo da educação foi sua atuação junto à escola experimental de Hietzing, durante cinco anos, desde 1927 (fechada pelos conservadores em 1932), que teve como professores Erik Erikson e Peter Blos, sempre guiados pelo olhar psicanalítico, cujo objetivo era promover a autonomia da criança. Constituiu-se, desse modo, um verdadeiro canteiro da teoria moderna, o qual, segundo Danto, teria inspirado inúmeras experiências libertárias de formação infanto-juvenil na Europa e nos EUA.

A autora menciona uma obra que pouco circulou entre os analistas brasileiros, de A. Freud e Burlinghan, *Young children in wartime: a year's work in a residential war nursery*⁶, cuja temática tratada é bastante atual, podendo até mesmo inspirar a formação de professores nas escolas infantis e de ensino fundamental ainda hoje no Brasil, sobretudo quando estas se veem atravessadas pela violência da guerra entre o tráfico, as milícias e a polícia, como vimos recentemente no Rio de Janeiro⁷.

A. Freud defendia uma análise infantil de dupla face perante os traumas de guerra e separações familiares, combinando observação direta e reconstrução em análise. Era preciso, segundo ela, reparar danos, evitar novos danos, fazer pesquisa por meio da observação *in loco* para se pensar sobre o desenvolvimento humano; e, por fim, propiciar uma formação específica para os analistas infantis.

Embora muito se fale da dimensão adaptativa da psicanálise proposta por A. Freud, em razão de sua ênfase nas dimensões educativa e social, Danto permite-nos conhecer os meandros de suas ideias e de sua prática em psicanálise infantil.

A. Freud, por exemplo, embora saliente as diferenças entre os métodos das análises infantil e de adulto, admite, no entanto, que não haveria uma oposição absoluta entre elas: “Seria mais apropriado dizer que na técnica de análise de adultos encontramos *vestígios* de todos os procedimentos que se mostram necessários com crianças” (p. 40)⁸.

Além disso, toda a sua preocupação com o desenvolvimento da criança está ancorada nas hipóteses da própria psicanálise freudiana acerca do desenvolvimento psicosssexual na infância, com base na qual procurará romper com a conceituação de normal e patológico vigente em instituições sociais, como escola, família, religião e justiça.

Propõe, nesse sentido, um escopo ampliado da psicologia infantil psicanalítica ao diferenciar o diagnóstico da neurose infantil das categorias diagnósticas adultas, criticando abordagens como a de Melanie Klein. Em vez de descrever sintomas a partir de modelos do adulto, ela investiga a psicopatologia infantil à luz do desenvolvimento psíquico normal, privilegiando a análise das causas, dos processos latentes e das interferências ambientais no desenvolvimento normal da criança. Para tanto, debruça-se muito mais sobre uma metapsicopatologia específica da psicologia infantil.

A contribuição dessa obra de Danto consiste justamente em trazer ao público as diversas dimensões desse escopo ampliado da psicologia infantil psicanalítica de Anna Freud, querendo dizer com isso que a autora ultrapassa os estudos

sobre os mecanismos de defesa, abrangendo educação, desenvolvimento, direitos da criança e psicanálise aplicada, além de trazer contribuições da psicanálise para a análise infantil. E ela o faz por meio da compilação de importantes textos de A. Freud precedidos de comentários introdutórios de cada uma das palestras e artigos selecionados cuidadosamente pela autora, permitindo-nos, desse modo, acompanhar suas ideias que foram distribuídas em sete capítulos: 1. análise infantil, 2. educação, 3. psicanálise comunitária, 4. a psicologia do ego e os mecanismos de defesa⁹ (este mais conhecido), 5. pesquisa, 6. desenvolvimento humano e 7. os direitos das crianças.

No capítulo 1, são tratados alguns temas interessantes da clínica infantil, como a especificidade da análise infantil, as tarefas da análise infantil e contraindicações da análise infantil. A autora apresenta as principais contribuições de A. Freud, para em seguida reproduzir quatro palestras de sua autoria, cuja maior contribuição, a meu ver, consiste no detalhamento dos casos clínicos, por meio dos quais explicita a especificidade da análise infantil, tratando de temas, como: preparação para a análise infantil, no qual demonstra como é preciso criar as condições para que a análise ocorra; os métodos da análise infantil, em que contrapõe a análise do adulto à análise infantil; o papel da transferência na análise de crianças, momento em que se posiciona contrariamente à abordagem kleiniana; análise infantil e a educação das crianças, onde evidencia o duplo papel da análise infantil, que deve comportar a dimensão educativa e clínica.

Os textos referem-se a conferências proferidas por A. Freud nos anos 1960, nos Estados Unidos, junto à American Association of Child Psychoanalysis, nas quais revisita seus esforços iniciais em Viena para ampliar a psicanálise em direção à análise infantil e à formação específica de analistas. Aborda o desenvolvimento de diferentes correntes da psicanálise infantil, como as de Melanie Klein e Winnicott, e destaca a criação de uma Associação Americana de Psicanálise Infantil independente, enfatizando a importância da observação direta e a pesquisa psicanalítica articuladas à formação clínica.

O capítulo 2 é inteiramente dedicado à Educação, contendo igualmente uma introdução de E. Danto, quatro palestras de Anna Freud e mais dois capítulos também de autoria desta última, um sobre os anos iniciais da educação e outro respondendo às perguntas de professores. Danto destaca a grande repercussão que teve na década de 1930, quando da publicação do livro de Anna Freud, *Psychoanalysis for teachers and parents*¹⁰, para a constituição das bases de uma pedagogia moderna, com base em um estudo sistemático da vida emocional e psíquica infantil oriundo de mais de cinquenta anos de observação de crianças, como noticiou o *New York Times* na época.

Movidos pelo desejo de explorar as potencialidades adormecidas das crianças e reprimidas pelos métodos tradicionais, Anna Freud e seus colegas esperavam, segundo Danto, contribuir para um mundo melhor. Nas comunidades da classe trabalhadora de Viena, nos Centros Infantis Municipais que ofereciam programas pós-escola, ouviam-se atentamente os ensinamentos de Anna Freud sobre o desenvolvimento infantil segundo a perspectiva psicanalítica.

A partir de 1952, Anna Freud revisa alguns dos princípios que orientaram seus trabalhos dos anos 1930, passando a enfatizar a análise dos professores, o manejo das transferências e contra-transferências e o profissionalismo na educação. Defende o aprendizado entre as próprias crianças e a criação de grupos multietários, experiência desenvolvida na Escola de Hietzing (1927-1932)¹¹,

6 A. Freud; D.T. Burlinghan, *Young children in wartime: a year's work in a residential war nursery*, London, George Allen & Unwin, 1942.

7 Refiro-me no caso à ação policial no Rio de Janeiro, realizada no dia 28 de outubro de 2025, cujo objetivo, segundo as autoridades policiais, era, em princípio, frear o avanço da facção do tráfico, que se autodenomina Comando Vermelho, resultando na morte de 121 pessoas, sendo quatro delas policiais.

8 A. Freud "Four lectures on child analysis", *The writings of Anna Freud*, v.1, International Press, 1974.

9 A. Freud, *The ego and the mechanisms of defense*, New York, Routledge, 1937.

10 A. Freud, *Psychoanalysis for teachers and parents: introductory lectures*, University of Ohio, Emerson Books, 1935.

11 Essa escola foi fechada com a ascensão do nazismo, em 1932.

período em que também se tornaram populares os cursos voltados à formação de educadores e assistentes sociais, dados particularmente por A. Freud e A. Aichhorn.

Esse período de otimismo foi gradualmente sendo substituído, segundo Danto, por um período pessimista nos anos que se seguiram particularmente durante a Segunda Guerra Mundial, em que predominaram normas familiares patriarcais sob a égide do darwinismo social impulsionado pela ideologia fascista. Uma abordagem que acabou se refletindo no interior da própria psicanálise, dando lugar a uma compreensão da neurose, menos baseada em fatores sociais e mais em fatores inatos, constitucionais e parentais.

No capítulo 3, Danto mostra como, na Viena Vermelha do período entreguerras, A. Freud levou a psicanálise do consultório ao âmbito comunitário, articulando-a à educação. A criação do periódico *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*¹², simultaneamente à expansão dos trabalhos no campo de uma *pedagogia psicanalítica* permitiu a ampla difusão de ideias e técnicas psicanalíticas entre os educadores urbanos durante cerca de dez anos. Ressalta, entretanto, que, após o confisco de seus exemplares pelos nazistas, restou muito pouco material disponível para consulta.

Danto relata ainda sobre outra importante iniciativa de A. Freud – Jackson Nursery –, que passou a atender bebês de famílias pobres, muitos deles de desempregados que mendigavam nas ruas de Viena no pós-guerra. Foi onde aperfeiçoou seu método de observação direta de bebês, ao mesmo tempo que sentiu necessidade de formar profissionais atentos às questões de classe e comunitárias. Daí ter introduzido na formação de analistas a visita a maternidades, clínicas de assistência social, educação infantil e tribunais juvenis, dentre outras instituições. Observe-se que nesse momento, a Sociedade de Viena se abriu para a formação de profissionais não médicos, considerando que a formação de analistas envolveria campos que iriam além da medicina, como “sociologia, literatura, história e cultura

em geral”, conforme declaração de A. Freud em uma carta dirigida a um futuro analista (p. 163).

O capítulo 4 aborda os estudos mais conhecidos de Anna Freud sobre a psicologia do ego e os mecanismos de defesa, destacando a relação pouco explorada desses estudos com a análise das defesas de caráter de W. Reich¹³. Embora tenha atuado em colaboração com Hartmann, sua concepção das defesas parece mais próxima da noção reichiana de “couraça de caráter”, enfatizando a importância da análise da resistência como condição para avançar na investigação da angústia, da história clínica e da gênese pulsional dos sintomas.

Ao investigar a adolescência, conforme bem observa Danto, A. Freud inicia sua abordagem a partir dos estudos sobre o Ego, apresentados pela primeira vez no Congresso Psicanalítico, em Lucerna, de 1934, e posteriormente publicados em *O Ego e o Id na Puberdade*¹⁴. Danto destaca que, nos anos 1950, as dificuldades no tratamento psicanalítico dos adolescentes eram atribuídas por A. Freud à insuficiente compreensão teórica da especificidade dessa fase, marcada por rápidas e simultâneas mudanças nos posicionamentos emocionais, o que exige uma adaptação particular da prática analítica.

No capítulo 5, explicita seu método de pesquisa sobre os primórdios da psique na infância, ao sustentar que seria importante ir além das “reconstruções em análise” e “coletar informações diretas” sobre o funcionamento primário da primeira infância como forma de contribuir para o progresso do desenvolvimento dos processos secundários.

Segundo Danto, seu método de pesquisa clínica, por meio da observação direta das crianças, é importante até hoje e funciona como padrão para coleta de dados clínicos sobre o desenvolvimento infantil, a saúde mental infantil e a dinâmica familiar.

Uma das fontes principais de estudos clínicos sobre a infância foi Jackson Nursery, que oferecia às crianças pobres de Viena o mesmo tratamento antes oferecido às de classe média;

mas talvez mais importante tenha sido o Instituto Hampstead Child Therapy Clinic, oferecido integralmente às crianças pobres, órfãs ou separadas de seus pais em razão dos bombardeios sofridos por Londres durante a Segunda Guerra Mundial. Essa instituição era financiada pelos Estados Unidos, que exigiam relatórios periódicos, os quais revelaram-se de grande valor por descreverem minuciosamente o funcionamento mental dessas crianças em situações-limite, bem como o tratamento analítico de adolescentes e de crianças com funcionamento limite.

Em suma, diversos aspectos da vida mental na infância e na adolescência foram investigados em um contexto de intenso sofrimento coletivo, imposto por uma guerra de proporções devastadoras. Tal empreendimento constituiu um esforço para confrontar a abordagem positivista da ciência, ao propor o que ela denominou como sendo uma pesquisa de ação fundamentada em pressupostos psicanalíticos, problematizando, assim, os riscos de uma pretensa neutralidade ou parcialidade na pesquisa.

No capítulo 6, Desenvolvimento humano, Danto nos apresenta os estudos feitos por A. Freud na década de 1960 sobre o que ela denominou “a criança inteira”. Com esse conceito de “criança inteira”, pretendia abranger “o universo interior do indivíduo, seu universo exterior e formas sutis de interação entre as duas esferas ao longo da vida” (p. 294). Com base nesse tipo de compreensão da criança, A. Freud constrói o conceito de linhas de desenvolvimento bem abrangentes e, sob o viés psicanalítico, propõe um olhar atento ao desenvolvimento do mundo interior, tomando em consideração a interação com o meio ambiente e as formas de organização libidinal. Ao mesmo tempo, instava os analistas

a adequarem sua técnica a essas linhas desenvolvimento de cada criança.

Foi com base nessa nova abordagem metapsicológica que A. Freud ampliou o escopo de atuação da psicanálise infantil, estendendo-a não apenas à educação, mas ao campo do direito. Danto também nos apresenta alguns textos fundamentais de A. Freud reunidos em três obras escritas em coautoria com docentes da Universidade de Yale, mais especificamente vinculados à Yale Law School, como o jurista Joseph Goldstein e o psiquiatra Alfred Solnit. Particularmente em seu texto *Beyond the Best interests of the child*, de 1973, A. Freud dará continuidade às suas ideias defendidas desde seus trabalhos junto às Hampstead War Nurseries, criadas em Londres para abrigar crianças refugiadas durante a Segunda Guerra Mundial, ou mesmo em sua defesa de uma educação comunitária durante o período da Viena Vermelha, momentos em que já apontava a importância do acolhimento psicológico para o bom desenvolvimento infantil.

Nos anos 1970, A. Freud posicionou-se contrariamente às concepções jurídicas patriarcais vigentes que privilegiavam a família biológica, defendendo a escuta da criança e o respeito ao tempo psíquico necessário para elaborar perdas, separações e vínculos com famílias adotivas ou substitutas. Atuou também na articulação entre psicanálise e sistema jurídico, influenciando tribunais juvenis, políticas de bem-estar social e decisões sobre acolhimento e adoção, sempre visando reduzir os danos psicológicos à criança.

Enfim, trata-se de uma obra de grande fôlego que foi capaz de fazer jus às iniciativas pioneiras de A. Freud no campo social, comunitário, educacional, jurídico e da clínica infantil, demonstrando tanto a sensibilidade social quanto clínica da autora, ao ancorar sua proposta de formação de analistas de crianças em uma abordagem metapsicológica específica, de acordo com o escopo ampliado da psicologia psicanalítica, tomando sempre em consideração a interação entre o meio ambiente e os modos de organização libidinal de cada criança.

12 A revista foi fundada em 1926 (publicada até 1937) pelo psicanalista alemão Heinrich Meng e pelo educador suíço Ernst Schneider, com o objetivo de disseminar as descobertas psicanalíticas entre os educadores.

13 W. Reich, *Character Analysis*. 3rd Enlarged Edition. Trans. by Vincent R. Carfagno, London, Orgonon Press, 1973.

14 A. Freud, “The Ego and the Id at Puberty” (Ch. 11), in *The ego and the mechanisms of defense*, New York, Routledge, 1937.